



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A.C. SIMÕES
LICENCIATURA EM LETRAS

FERNANDA LAÍS SANTOS DE LIMA PINTO

POESIA DOS SENTIDOS: OS VERSOS SINESTÉSICOS DE ALICE RUIZ

MACEIÓ

2024

FERNANDA LAÍS SANTOS DE LIMA PINTO

POESIA DOS SENTIDOS: OS VERSOS SINESTÉSICOS DE ALICE RUIZ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras (Português) pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do A.C. Simões.

MACEIÓ

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jorge Raimundo da Silva – CRB-4 – 1528

P659p

Pinto, Fernanda Laís Santos de Lima.

Poesia dos sentidos: os versos sinestésicos de Alice Ruiz / Fernanda Laís Santos de Lima Pinto. – 2024.

29 f.

Orientadora: Susana Souto Silva.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 28-29.

1. Literatura contemporânea. 2. Poesia-estilística 3. Sinestesia-Alice Ruiz.
I. Título.

CDU: 82-1

FERNANDA LAÍS SANTOS DE LIMA PINTO

POESIA DOS SENTIDOS: OS VERSOS SINESTÉSICOS DE ALICE RUIZ

Aprovada em: ____/____/____

Média final: _____

EXAMINADORES:

Prof.^a Dr.^a Susana Souto Silva
(Orientadora)

Prof.^o Dr.^a Eliana Kefalás Oliveira
(Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Isabel Muniz Lima
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Em memória de meu pai, Fernando Antônio, que infelizmente não viveu há tempo de testemunhar a conclusão da minha graduação, mas que mesmo em meio ao seu tratamento oncológico, nunca deixou de me apoiar na realização desse sonho. Que sua recordação desperte sempre em mim o ânimo para alçar novos voos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui e por me conceder a força necessária para perseverar nas ocasiões nas quais cogitei desistir.

À intercessão de Nossa Senhora e a de todos os santos a quem recorri em minhas orações. Como também aqueles que se dispuseram a orar por mim, que conforme afirma monsenhor Jonas Abib, esse é maior ato de amor que podemos fazer pelo outro.

À minha mãe, Vera Lúcia, por seu apoio e conforto materno durante toda essa jornada acadêmica.

À memória de meu pai, Fernando Antônio, que estará eternamente viva em minha mente e coração.

À minha tia, Lúcia Maria, minha sincera gratidão por sua solicitude e disponibilidade ao longo da minha jornada acadêmica. Por sua dedicação e generosidade ao compartilhar suas experiências pessoais e oferecer preciosos conselhos.

À minha tia, Ana Lúcia, cujo acolhimento me reconfortou durante o meu processo de adaptação e mudança de cidade, motivado pelo meu ingresso na faculdade. Serei eternamente grata pelo apoio que a mim foi fornecido, e carregarei sempre a memória dos nossos momentos de convivência que, ao lado dos seus filhos, Janderson e Allan, também meus primos, compartilhamos.

De maneira especial, à minha orientadora Susana Souto, por ter abraçado o tema deste trabalho e se disponibilizado a me orientar. Agradeço por cada carona literária nas quartas-feiras, que além de ter tornado o trajeto mais agradável, também rendeu diálogos e troca de experiências valiosas. Suas aulas carregadas sempre de um sorriso no rosto e sua paixão pela literatura, motivaram-me a seguir nessa área com ainda mais entusiasmo.

Às professoras, Eliana Kefalás e Isabel Muniz, por terem aceitado o convite de examinar meu trabalho de conclusão de curso.

À minha profunda gratidão a todos os familiares e amigos que se preocuparam em acompanhar o andamento do meu TCC. Poder contar com o suporte de todos foi fundamental para eu ter chegado até aqui.

Aos meus colegas de curso pelo companheirismo e por terem tornado esse processo mais leve e divertido. Guardarei com carinho as lembranças que construímos.

A todos os professores da FALE, especialmente aqueles no qual tive a honra de ter sido aluna. Cada um de vocês me marcou de maneira singular, motivando-me, sobretudo, a encarar a docência como um desafio gratificante.

À UFAL por ter me proporcionado a graduação, especialmente à FALE por ter tornado a realização desse sonho possível.

À poesia avassaladora de Alice Ruiz por ter transpassado os meus sentidos.

pra tirar leite de pedras
lágrimas das feras
e te deixar besta
o poema baste

(RUIZ, 2008, p. 82)

RESUMO

O presente estudo se propõe a analisar poemas da autoria de Alice Ruiz presentes em sua obra *Dois em um* (2008), com enfoque na utilização da figura de linguagem da sinestesia. Entre temáticas diversificadas e elementos próprios do gênero, neste livro que reúne toda a publicação da década de 80 da poeta curitibana, destaca-se o uso da figura de linguagem da sinestesia como recurso estilístico em seu fazer poético. Tendo em vista que a maioria dos trabalhos publicados acerca deste elemento na literatura se baseiam em seu uso em escolas literárias clássicas, como o simbolismo, ou no fazer poético de autores clássicos; e por se tratar de um tema que une tanto a área de linguística, por contemplar o campo da estilística, como também a área da literatura, esta pesquisa pretende ser útil para estudos realizados em ambas as áreas mencionadas.

Palavras-chave: literatura contemporânea, poesia, estilística, sinestesia, Alice Ruiz.

ABSTRACT

This study aims to analyze poems by Alice Ruiz in her work *Dois em um* (2008), focusing on her use of the figure of speech synesthesia. Among the diverse themes and elements of the genre in this book, which brings together all of the Curitiba poet's publications from the 1980s, the use of the figure of speech of synaesthesia as a stylistic resource in her poetic work stands out. Bearing in mind that the majority of published works on this element in literature are based on its use in classical literary schools, such as symbolism, or in the poetic work of classical authors; and because this is a topic that unites both the field of linguistics, as it contemplates the field of stylistics, and the field of literature, this research aims to be useful for studies carried out in both of these areas.

Keywords: contemporary literature, poetry, stylistics, synaesthesia, Alice Ruiz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA.....	13
1.1 Alice no país das letras.....	13
1.2 Para além da estante.....	15
1.3 Estilo literário característico.....	16
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA <i>DOIS EM UM</i>	20
3. A SINESTESIA EM <i>DOIS EM UM</i>	21
3.1 A Sinestesia na literatura.....	21
3.2 A Sinestesia como recurso estilístico em <i>Dois em um</i>	22
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A sinestesia, como figura de linguagem, desempenha um papel de relevância incontestável na literatura universal, persistindo como uma técnica explorada por autores contemporâneos. Um notável exemplo é a poeta e letrista curitibana Alice Ruiz, notória por empregar vocábulos que evocam distintas ordens sensoriais em sua obra, particularmente em seu livro "Dois em Um".

No entanto, é perceptível uma carência de trabalhos dedicados à análise específica dessa figura de linguagem no fazer poético de um autor ou em uma obra. Quando tais estudos existem, concentram-se majoritariamente em autores vinculados a escolas literárias clássicas, distantes da atualidade poética. Dessa forma, vislumbramos a oportunidade propícia de dissertar sobre o uso desse elemento tão enriquecedor na obra de uma poeta contemporânea brasileira, Alice Ruiz.

A exploração dessa temática demanda uma incursão, mesmo que superficial, no campo da estilística poética, vertente da linguística que se dedica a analisar o impacto provocado pelo uso de elementos linguísticos na produção literária. Nesse contexto, este trabalho assume a tarefa de investigar como Alice Ruiz se vale da sinestesia como um recurso estilístico primordial em sua expressão poética.

A primeira seção se dedicará a traçar a trajetória literária de Alice Ruiz Scherone, considerando sua influência e contribuições para a cena artística contemporânea. Analisaremos de perto sua abordagem do universo feminino, evidenciando como sua poesia transcende os rótulos convencionais. Examinaremos também o diálogo entre sua obra e movimentos culturais significativos de sua época, como o Tropicalismo e a poesia concreta, que desempenharam um papel crucial em sua formação artística.

A segunda seção contextualizará a obra "Dois em Um" antes de adentrarmos no elemento central: a figura da sinestesia. Na última seção, além de compreender a sinestesia como uma figura de linguagem e situar seu uso na literatura brasileira, direcionaremos nossa atenção para alguns dos poemas de Alice Ruiz presentes em seu livro "Dois em Um", nos quais a sinestesia desempenha um papel notável. Esta investigação tem como objetivo responder questões cruciais: de que maneira a sinestesia se manifesta em suas obras e quais são suas intenções e

aspirações ao incorporá-la em sua escrita. Ao abordar esses aspectos, visamos não apenas decifrar o uso da sinestesia nas obras, mas também desvendar como esse recurso contribui para a construção do significado e da experiência do leitor.

1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA

1.1 Alice no país das letras

Escrever sobre um autor canônico, cuja existência já chegou ao fim, porém cujas obras permanecerão eternamente imortalizadas, não é tarefa fácil. Contudo, dissertar sobre uma autora que ainda está viva e cuja história está sendo continuamente escrita e reescrita por sua própria autoria, acreditamos que representa um desafio ainda maior. Por um genuíno devaneio literário, decidimos lançar esse prazeroso desafio para nós.

Alice Ruiz Scherone é o seu nome de batismo, mas é pela alcunha de Alice Ruiz que ela é comumente conhecida na cena artística-literária. Poeta, haicaísta, letrista e tradutora, foi, desde cedo, ainda na infância, que a pequena Alice descobriu o portal para o universo literário e foi transportada para o “país das letras”, onde se vislumbrou com a magia das diversas possibilidades de brincar com as palavras. Porém só veio a publicar o seu primeiro livro de poemas, intitulado como *Navalhanaliga*, em 1984 aos 34 anos de idade. Anteriormente, dedicou-se às publicações em revistas e jornais, à escrita de letras de músicas e à realização de oficinas sobre os três gêneros com os quais trabalha.

Nascida em 22 janeiro de 1946, a transição da adolescência para a juventude de Ruiz se deu na segunda metade da década de 60, período em que, no Brasil, estavam em vigência movimentos de rupturas, como o Tropicalismo, a poesia concreta e a contracultura. Em entrevista realizada no evento *Encontros de Interrogação*, em 2014, além de reconhecer a influência desses movimentos para a sua lírica, Scherone se considera como parte de uma geração de artistas compromissados em quebrar paradigmas e buscar novas linguagens.

O fato de não ter aprendido formalmente a disciplina acadêmica, não apresentou, de modo algum, um empecilho para a carreira da escritora curitibana. De maneira autônoma dedicou-se ao estudo da teoria de literatura e de autores renomados não só da poesia, como também da prosa.

Para muitos é memorada como a viúva do também renomado poeta Paulo Leminski, seu companheiro na arte e na vida durante duas décadas. Para seus familiares é lembrada carinhosamente como a mãe de Miguel, Aurea e Estrela. Entre os seus fãs é reconhecida e admirada por seu trabalho artístico. No entanto ao ser questionada por Vitor Miranda em uma entrevista ao seu programa do Youtube, *Prosa com Poeta*, sobre quem é Alice, ela mesma se

define, de maneira modesta como “um grãozinho de areia que espera estar fazendo bem o seu papel”. Apresenta-se também como um ser em construção que nasceu do gênero feminino, mas que não se encaixa no que o sistema determinou para ele. Impulsionada por essa inquietação, a curitibana tem como uma de suas missões escrever sobre o cotidiano não idealizado da mulher sob diversas perspectivas.

A mulher em sua poesia é concebida como uma criatura de natureza versátil, sendo por vezes associada à figura materna, conjugal, profissional, e, se necessário, podendo assumir todas essas identidades de uma só vez. A poeta, ao se reconhecer também nesse lugar, leva em consideração os anseios e dilemas próprios desse gênero. Essa preocupação pode ser observada em *Drumundana*, no qual estabelece um diálogo com o famoso poema *E agora José?*, da autoria de Carlos Drummond de Andrade.

e agora maria?
o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria
a fantasia que você sonhou
apagou
à luz do dia
e agora maria?
vai com as outras vai viver
com a hipocondria

(RUIZ, 2008, p. 163)

1.2 Para além da estante

A bibliografia de Alice Ruiz é ampla, expandindo-se para além dos seus 22 livros de poemas e haikais publicados. Consequentemente, mencionar somente as suas principais obras pertencentes aos gêneros pelos quais ela é mais reconhecida, sem adentrar no mérito de suas criações em outras categorias artísticas que circularam ou que ainda circulam em diferentes veículos de comunicação, seria um grave equívoco.

Como uma andarilha no mundo da arte, transitou por gêneros como a poesia, o haikai, e a letra de música. E em cada um deles deixou seus frutos para que não só o seu público, como também entusiastas dessas áreas pudessem desfrutá-los. No site oficial da tradutora paranaense

é possível acessar toda a sua bibliografia dividida em suas respectivas categorias, sendo elas: livros, traduções, artigos publicados em livros, além de obras nas quais a artista é citada.

Dentre seus principais livros de poesia, encontram-se *Navalhanaliga* (1980), *Pelos Pêlos* (1984), *Vice Versos* (1988) e *Dois em Um* (2008). Na arte do haikai, escreveu obras como: *Desorientais* (1996), *Estação dos bichos* (2011), em colaboração com a haicaista Camila Jabur, e *Dois Haikais* (2011), produto da parceria com a ilustradora Aline Abreu.

Concebendo a música como uma de suas paixões, Ruiz também se aventurou nesse ramo, por meio da criação de letras de canções que foram musicadas e interpretadas por artistas da MPB, como Alzira Espindola, Itamar Assumpção e Arnaldo Antunes. Em uma palestra ministrada ao projeto *Instrumental Sesc Brasil*, Ruiz relata para um público de fãs e apreciadores da área musical, como se dá o seu processo criativo.

A poesia escrita e a letra de música são as outras formas poéticas, além do haikai, com as quais eu trabalho e eu acho que elas têm em comum muita coisa. Porque eu faço questão que minhas letras, assim como a poesia, tenha uma ideia. Eu parto para uma letra quando tenho uma ideia, tenho algo a dizer. Não é só brincar com as palavras, mas tem a brincadeira com as palavras também. Além da ideia, eu quero que a letra de música tenha trama na linguagem. Que ela tenha esse sabor que o poema escrito nos dar, de perceber ressonâncias e tal, independente da rima. Sempre há uma trama interna, e eu quero que isso tenha na minha letra de música também, e muita verdade!”. (RUIZ. 2016).

O primeiro disco contendo apenas composições de sua autoria, recebeu o título de *Paralelas*, e foi veiculado em 2005 pela gravadora Duncan Discos. Incluindo um total de 17 músicas, esse lançamento proporcionou para os leitores, a oportunidade de apreciar o talento de Ruiz como compositora. O nome da artista também está envolvido na produção de alguns CDs, bem como do espetáculo *Milágrimas*, idealizado pelo dançarino e coreógrafo Ivaldo Bertazzo e pelo projeto Dança Comunidade, no qual contou com a direção musical de Benjamin Taubkin e Arthur Nestrovski.

1.3 Estilo literário característico

Tendo escrito sobre os mais variados temas, contemplando diversos públicos de leitores, o fazer poético de Ruiz não pode ser reduzido em uma caixa. Com sua lírica insurgente, a curitibana propõe uma ruptura voltada não só para as temáticas abordadas em suas obras, mas rompe também com padrões estruturais linguísticos engessados.

Influenciada pela poesia concreta, a métrica, o ritmo e a versificação de seus poemas não costumam seguir um modelo clássico, se adequando, porém, ao sentimento que o sujeito poético deseja transmitir. Conforme constatado pelo teórico concretista Augusto de Campos (1965), nessa vertente literária, “o núcleo poético é posto em evidência não mais pelo encadeamento sucessivo e linear de versos, mas por um sistema de relações e equilíbrios entre quaisquer partes do poema”.

Dentre os recursos linguísticos mais recorrentes nas produções da autora, destacam-se no âmbito verbal a presença da metalinguagem e polissemia, o uso de interjeições, anáforas e figuras de linguagem como a antítese e a sinestesia. Enquanto no aspecto visual a poeta costuma explorar o espaço gráfico da página, mediante o emprego de letras embaralhadas e/ou apagadas, dentre outras possibilidades visuais. Ao fazer isso, Ruiz proporciona, ao leitor, uma maior autonomia no processo de leitura, tornando-o mais interativo. Podemos tomar como exemplo desta abordagem, seu poema intitulado como *A V SÃO*.

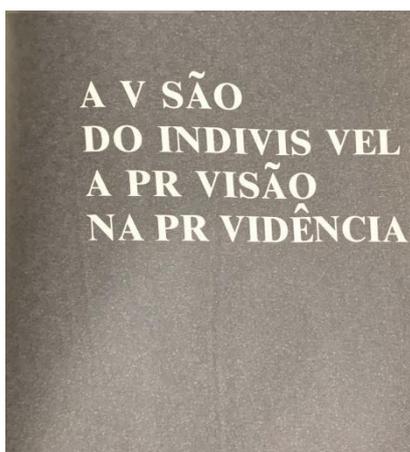


Figura 1 – Poema presente em *Dois em um*, p. 190

Em *Navalhanaliga* é possível observar a presença marcante do recurso imagético em: ‘*Bem que eu vi*’, ‘*elo*’, ‘ *siga o vento*’, ‘ *presente de vênus*’ e ‘*O que é a que é*’. Nestes escritos

poéticos a autora vale-se de uma estratégia que tem se popularizado na literatura contemporânea, o poema visual, que, de acordo com Pontes (2007), é marcado pela valorização da imagem como uma entidade universal.

O poema visual caracteriza-se por valorizar a imagem como entidade universal. A palavra, no caso é muito bem explorada e colocada, compondo um todo harmônico capaz de permitir ao “vleitör” – aquele que lê e vê ou se vê – uma infinidade de leituras, de acordo com o nível do seu conhecimento, experiência de mundo, cultura e escolaridade. (PONTES, 2007, p. 20).

Um exemplo evidente desse enfoque é encontrado em um poema dedicado ao seu primeiro filho, Miguel, que faleceu em 1979, aos 10 anos de idade. Nele Alice Ruiz não se limita apenas à linguagem verbal, incorporando também uma foto de seu filho. Essa escolha adiciona uma camada adicional de expressividade à obra.

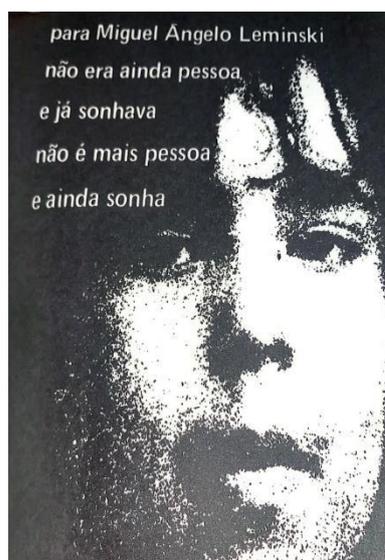


Figura 2 - Poema presente em *Dois Em Um*, p. 147.

A utilização de recursos sonoros, como a assonância e a aliteração, destaca-se também como um traço do fazer poético de Ruiz. Essa característica se torna particularmente evidente no poema *como*, em que a autora recorre à repetição do fonema /co/ a fim de estilizar o ritmo da composição. Conforme alega Goldstein (1985), a poesia carrega consigo uma essência de oralidade; mesmo ao ler de maneira silenciosa, percebemos sua sonoridade. Este fenômeno é atribuído à capacidade da nossa audição de discernir a articulação das palavras.

como

se comigo
comete
um verbo
comer
se comedido
contém
um deus
se contido
consegue
ser meu?
quem
como
você?

(2008, p. 35)

Segundo Kubota (2017), a narrativa e os dramas metafísicos não são relegados, mas inseridos no cotidiano. O poeta busca encontrar imagens poéticas na linguagem coloquial e no contexto urbano. Como uma escritora consciente dos problemas de sua contemporaneidade, Ruiz possui como uma das características marcantes do seu estilo literário a preocupação em abordar dilemas e anseios cotidianos relacionados à natureza subjetiva e existencial do ser humano com questões que variam desde a efemeridade do tempo até o conceito de vida e morte, perda e encontro. Essas reflexões pautadas na oposição de sentidos são uma característica marcante do texto literário.

na esquina da consolação
com a paulista
me perdi de vista
virei artista
equilibrista
meio mãe
meio menina
meio meia-noite
meio inteira

(RUIZ, 2008, p. 21)

O poema acima disposto se situa em um cenário urbano, referenciando a Rua da Consolação e a Avenida Paulista, localizadas na metrópole paulistana. Dentre os versos, encontramos menções a diversas personalidades que povoam a rua. O eu lírico se apresenta como um observador perspicaz, tão imerso nas vicissitudes ao redor a ponto de, por vezes, se

perder de vista como resultado da comoção às experiências e aflições vivenciadas por essas figuras.

Seu trabalho na poesia contemporânea, destaca-se por um caráter fortemente autobiográfico, inserindo-a no grupo das escritoras femininas que encontram nesse espaço a liberdade para expressar suas revoltas e contestações, conforme observado por Camargo (1992):

O espaço textual predominante feminino é o da escrita confessional, do uso de gêneros autobiográficos. Marcas do espaço privado, da reclusão, da interiorização, que se contrapõe, muitas vezes, uma poesia “marcada pela ideologia do desreclame e pela aflição hiteana de dizer tudo, sem deixar escapar os detalhes mais chocantes”. (p. 34).

Levando em consideração os aspectos anteriormente apresentados, podemos concluir que a obra de Scherone é dinâmica, pois não se estabiliza a apenas uma categoria ou pretende se adequar a rótulos. É intáctil, pois transcende a materialidade tangível de sua produção, adentrando a instância do impalpável da imaginação, validando assim, a hipótese de que sua obra não se limita às páginas de um livro, mas se estende para além da estante, influenciando a consciência crítica literária e social de seus leitores. Ao escrever, Alice não apenas lança letras avulsas no papel, mas se dedica a fazer a diferença com sua abordagem “áspera-aveludada”.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA *DOIS EM UM*

Tendo em vista que o estudo deste trabalho se validará da análise de alguns poemas dispostos na obra *Dois em Um*, de Alice Ruiz, faz-se necessário sua contextualização antes de adentrarmos no elemento central: a figura da sinestesia.

'*Dois em Um*' foi lançado em 2008 como fruto do desejo de Alice Ruiz de reunir toda a sua produção literária da década de 80 em uma única obra. Segundo relata em sua apresentação, a poeta considerou que o momento de seu lançamento era propício para unir dois livros significativos em sua carreira: *Pelos Pelos* e *Vice Versos*. Foi dessa junção que surgiu a inspiração para o título da obra.

Acordei para o fato de que pode ser uma boa hora para *Pelos Pelos* e *Vice Versos* renascem numa versão “*Dois em Um*”. (RUIZ, 2008, p. 10).

Quanto a sua divisão, o livro publicado pela editora Iluminuras, é composto por um total de 212 poemas distribuídos entre duas partes. A primeira engloba 72 poemas e abrange não apenas *Vice Versos* (1998), mas também *Minimal* e *Rimagens*. Enquanto a segunda parte inclui *Pelos Pelos* (1984), juntamente com *Navalhanaliga* (1980), *Paixão Xama Paixão* (1983) e uma seleção de poemas inéditos intitulada de *Até 79*, totalizando 140 poemas.

Em *Vice Versos* destacam-se temas como paixão, vida e morte, conceito de felicidade, reflexões acerca do tempo, crises existenciais e referências a partes do corpo feminino, representado na forma de um erotismo velado. Enquanto em *Pelos Pelos* nota-se um alto teor de poemas metalinguísticos, no qual o sujeito poético faz menção ao seu processo de escrita. Destaca-se também a quantidade de haikais que utilizam a natureza como elemento central. Em *Paixão Xama Paixão*, a maternidade se apresenta como um tema recorrente, como também a presença da figura da sinestesia se apresenta com frequência. E em *Navalhanaliga* a autora usufrui de elementos visuais e os temas tratados são mais melancólicos que os demais.

3. A SINESTESIA EM DOIS EM UM

3.1 Sinestesia na literatura

A palavra 'sinestesia' advém do grego, proveniente da junção dos vocábulos 'syn' (união) e 'esthesia' (sensação), resultando em uma tradução literal que pode ser entendida como 'união de sensações'. A sinestesia pode manifestar-se tanto como uma condição neurológica, na qual o indivíduo tende a experimentar múltiplos sentidos simultaneamente, como também pode referir-se a uma figura de linguagem. No campo da estilística da Novíssima gramática da língua portuguesa, Cegalla (2002), a conceitua como “a transferência de percepções da esfera de um sentido para a de outro, do que resulta uma fusão de impressões sensoriais de grande poder sugestivo”. Sendo este último significado o interesse deste trabalho.

Considerado um elemento de uso recorrente na literatura brasileira, a sinestesia ganhou destaque no movimento simbolista, tendo como principal expoente o escritor Cruz e Sousa. Na poesia moderna este recurso foi utilizado por autores, como: João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Tomemos como exemplo a primeira estrofe do poema *Recordação* de Meireles, no qual no primeiro verso, a poeta carioca realiza a junção de dois vocábulos de ordens sensoriais distintas, sendo eles: olfato, por meio da palavra “cheiro” e tato representado por “áspero”.

Agora, o cheiro áspero das flores
leva-me os olhos por dentro de suas pétalas.
Eram assim teus cabelos;
tuas pestanas eram assim, finas e curvas.

(MEIRELES, 1967, p. 184-185).

Apesar da sua aplicação na literatura não ser recente, a sinestesia é uma figura atemporal, tendo sido utilizada em obras de poetas contemporâneos, como Manoel de Barros, Ana Cristina Cesar, Adélia Padro e Alice Ruiz.

3.2 A Sinestesia como recurso estilístico em *Dois em Um*

Primeiramente é necessário que tenhamos em mente que, apesar do gênero poesia ser comumente associado à liberdade criativa, possuindo o autor uma maior autonomia para (re)inventar regras, seu processo de escrita não está imune aos compromissos e às necessidades que acometem os escritores da prosa. Por isso faz-se necessário que o poeta, ao cogitar utilizar algum recurso linguístico, avalie o que se pretende atingir por meio dele, levando em consideração o impacto que almeja despertar no leitor. A essa análise nomeamos de estilística. Conforme enfatiza Viegas (2016), diferente do falante que utiliza a língua de maneira espontânea, o escritor a emprega de forma consciente e intencional visando a fins estéticos.

Em seu texto publicado na revista on-line *Dialogo das Letras*, sob o título: *entre significantes e significados*, Tamura (2016), disserta sobre a relação autor-texto-leitor, enfatizando que essa interação dialógica se apresenta para o enunciador, de maneira intencional.

Entre palavras e expressões, há uma intenção de um enunciador dirigida a um enunciatário. Portanto, um texto carrega consigo uma série de recursos que buscam atingir o leitor, de modo a conquista-lo. Sensibilizar, impressionar, cativar, atrair, envolver, e dentre outras finalidades estão, no texto, os objetivos do emissor. (p. 305).

Dentre os níveis da estilística compreendidos pela linguística, segundo Cherubim (2004), é tarefa da léxico-semântica, estudar as figuras usadas por um autor na elaboração de sua língua literária. Em meio às figuras de linguagem que são utilizadas como elemento de estilo, a sinestesia obtém um destaque notável na poética de Alice Ruiz, podendo ser identificada em diversos poemas do seu livro *Dois em um*. Esse fenômeno conotativo costuma ser utilizado na literatura como recurso estilístico, pautada em duas das três funções primordiais da linguagem compreendida por Bühler (1934): a expressão e o apelo.

saudade
de ver salinas
sentir de novo
o cheiro do sol
nas retinas

tocar você
e ver você sentir
o que tem de sal
no meu gosto de menina

(RUIZ, 2008, p. 88)

Em *saudade* Scherone engenhosamente faz uso de vocábulos que remetem respectivamente aos sentidos da visão, olfato, tato e paladar. Essa escolha lexical permite que o leitor não somente possa visualizar as imagens criadas pela descrição do ambiente, mas que também seja capaz de experienciar afetivamente as mesmas sensações do sujeito poético. Para (Heyrman, 2005), mediante a expressão artística, a vivência sinestésica se revela visível para todos. Isso a torna contagiante, fundindo-se também com a perspectiva única de cada indivíduo que a partilha.

A autora de *Vice Versos* possui a admirável habilidade de causar um impacto sensorial profundo valendo-se de poucas palavras dispostas em versos curtos e concisos, como pode ser evidenciado em seu poema *grama aparada*, no qual as palavras “áspera” e “macia” fazem alusão ao sentido do tato.

grama aparada
palma áspera
alma macia

(RUIZ, 2008, p. 89)

Grande parte da sua produção literária apresenta a natureza como pano de fundo, o que resulta em uma estética aconchegante para o leitor que, ao entrar em contato com sua poesia, tende a se sentir imerso em um ambiente aconchegante e familiar. Consequentemente não é raro encontrar em seus poemas, o sentido da audição sendo representado pela descrição de sons emitidos por agentes da flora e da fauna como folhas e animais.

a folha faz barulho
tenha ou não tenha letras
já o silêncio faz ver
todas as coisas pretas

(RUIZ, 2008, p. 143)

Alice Ruiz costuma utilizar a sinestesia acompanhada de outras figuras conotativas, como a metáfora e a prosopopeia. Esse recurso é inserido em sua poesia com o intuito de desprender-se do sentido literal, por intermédio de expressões que não seriam possíveis no plano da realidade, mas que no contexto poético são utilizadas para intensificar as sensações. Um

exemplo dessa técnica pode ser encontrado no segundo verso do poema *de tanto não poder dizer*, no qual metaforicamente ela atribui a capacidade de “falar” aos olhos, um órgão que, biologicamente, deveria ser responsável exclusivamente pelo sentido da visão.

de tanto não poder dizer
meus olhos deram de falar
só falta você ouvir

(RUIZ, 2008, p. 76)

Por seu poder de exprimir emoções sem se fazer necessário o uso de palavras, os olhos desempenham na literatura um papel fundamental, sendo por vezes, utilizados em obras literárias para adjetivar personagens, como em *Dom Casmurro* (1899), na qual Capitu é descrita com "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Segundo Mélega (2010), os olhos se sobressaem perante os demais órgãos responsáveis pelo sistema sensorial, devido a sua capacidade metafórica de exercer por conta própria funções que os demais sentidos desempenham.

Os olhos podem tocar, lambe, acariciar, cumprir todas as funções próprias do tato; podem, ainda, comer, devorar alguém ou algo; podem ouvir e entender; conseguem falar e cumprir mil gestos que parecem ser da competência do corpo e mil movimentos que afloram diretamente da alma: sentido metonímico que reconduz sempre ao todo, os olhos têm acesso bem além dos limites do corpo e podem transgredir muito mais que os outros sentidos. (p. 179).

No poema intitulado como *um som*, o processo de reconhecimento da sinestesia se torna mais acessível, tendo em vista que, no primeiro verso de cada estrofe, a autora utiliza uma palavra que, de forma direta, se relaciona a um sentido do corpo humano, respectivamente: som (audição), cheiro (olfato) e toque (tato). Porém nem sempre em seus escritos poéticos, a identificação dessa figura de pensamento se dá de forma instantânea, pois a artista curitibana, por vezes, a insere em seus versos de forma velada, sendo, para isso, necessário um olhar mais analítico.

um som
a emoção
adensa

um cheiro
a alma
tensa

um toque

o corpo pensa

(RUIZ, 2008, p. 130)

A sinestesia em *Dois em Um*, ocasionalmente, é apresentada não pela presença da sensação, mas sim pela sua ausência, conforme disposto no poema abaixo, no qual o ato de não ouvir está representado como consequência do estado do silêncio. Nesse caso, a voz do eu lírico foi ignorada pela pessoa amada, rompendo assim com qualquer possibilidade de comoção gerada pelo impacto que as palavras podem causar no ouvinte por meio do sentido da audição.

minha voz
não chega aos teus ouvidos

meu silêncio
não toca teus sentidos

sinto muito
mas isso é tudo que sinto

(RUIZ, 2008, p. 103)

Dentre os cinco sentidos, o tato obtém um destaque significativo em seus poemas sinestésicos, podendo ser compreendido como uma necessidade afetiva, quase fisiológica, do eu lírico que deseja ser tocado, abraçado, apalpado. No entanto, o toque em suas produções, também pode se apresentar de maneira contrária, no qual o sentimento de prazer dá lugar à repulsa, ao mal querer, à desaprovação, a depender da sensação que a autora, por meio do sujeito poético, deseja transmitir. Tomaremos como exemplo o poema abaixo.

tua mão
no meu seio
sim não
não sim
não é assim
que se mede
um coração

(RUIZ, 2008, p. 30)

Nesse contexto, para o eu lírico, representado pela figura feminina, a sensação tátil ocorreu como um ato de reprovação. Ela, na condição de sujeito passivo (ou seja, que está recebendo a ação do toque), interpretou-o como um mero prazer sexual, enquanto ansiava

apenas por uma conexão emocional. Dessa forma, o contato físico nesse poema se apresentou de maneira indesejada.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final do passeio ao maravilhoso mundo literário de Alice. Ao longo dessa sinestésica viagem, pudemos embarcar com um pouco mais de profundidade na agridoce aventura da vida e obra de Ruiz, que, sem dúvidas, deixou e permanece construindo seu legado no cenário artístico-literário brasileiro.

Escrever sobre a poeta curitibana, como bem presumi, revelou-se uma tarefa desafiadora, porém prazerosa. A lírica de Alice Ruiz possui camadas e nuances que, para compreender, não é necessário só conhecimento teórico literário, mas também uma sensibilidade aguçada. Com o processo de pesquisa, pude mergulhar mais a fundo em conceitos, como a sinestesia na literatura, estilística léxico-semântica e relação texto-autor-leitor, cruciais para a construção deste trabalho.

Para Mélega (2010), a sinestesia é a figura mais libertadora, porque permite à palavra abarcar o campo de todos os sentidos. Os versos sinestésicos de Ruiz vêm ao encontro de tal afirmação, pois, por intermédio dos poemas da autora ilustrados nesta pesquisa, tornam-se notáveis as suas intenções ao utilizar a figura de linguagem da sinestesia em suas produções literárias, sendo uma delas trazer uma maior expressividade ao seu discurso, e conseqüentemente desencadear uma maior comoção e identificação ao leitor que de forma mágica se encontra submerso na experiência da leitura.

Para além da sinestesia, pudemos conhecer as diversas facetas de Alice Ruiz, que de maneira autodidata, se arriscou em diferentes gêneros, como a poesia, o haikai e a letra de música. Adentramos também no âmbito das suas referências, as quais foram fundamentais para moldar sua personalidade e seu fazer poético imponente e característico. Dentre elas, podemos citar os movimentos de contracultura e a poesia concreta. A causa feminista obteve destaque em suas produções, sendo usando muitas vezes utilizada como pauta em seus escritos.

Diante de tudo o que foi discutido, é inegável reconhecer sua notável influência e impacto para a literatura brasileira, sobretudo para a poesia contemporânea. Em um cenário literário em constante evolução, as descobertas feitas neste estudo proporcionam um ponto de partida para investigações futuras. Assim, ao término deste trabalho, vislumbro um horizonte promissor de explorações acadêmicas que perpetuarão a relevância do legado literário de Alice Ruiz.

REFERÊNCIAS

RUIZ S, Alice. Dois em um. São Paulo: Iluminuras, 2008. 208 p.

BIBLIOGRAFIA. *In*: Alice Ruiz: Site Oficial. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/bibliografia/index.html>. Acesso em: 1 out. 2023.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. Teoria da poesia concreta: Textos críticos e manifestos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1965.

PONTES, Hugo. Poemas visuais e poesias. São Paulo: Dix Editorial, 2007.

MEIRELES, Cecília. Obra Poética. 2a Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.184-185.

PASCHOAL CEGALLA, Domingos. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 49. ed. [S. l.]: Companhia Editora Nacional, 2020.

MÉLEGA, Marisa Pelella. Os olhos da literatura: mitos, figuras, gêneros. Ide, São Paulo, dez. 2010.

KUBOTA, Marília. Alice Ruiz e a alegria da poesia de resistência nos anos 80. *In*: Escotilha: Cultura, diálogo e informação. [S. l.], 3 out. 2017. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/alice-ruiz-dois-em-um-iluminuras/>. Acesso em: 12 set. 2023.

ALICE Ruiz – Encontros de Interrogação (2014). [S. l.]: Itaú Cultura, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gySFJHDoIIE>. Acesso em: 16 out. 2023.

PROSA com poeta: Alice Ruiz. [S. l.]: Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ftjQrGTiXcg&t=11s>. Acesso em: 16 out. 2023.

CHERUBIM, S. Estilística semântica. Semina: Ciências Sociais e Humanas, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 150–162, 2004. DOI: 10.5433/1679-0383.1989v10n3p150. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9177>. Acesso em: 17 out. 2023.

VIEGAS, Ana Maria. Conceitos de estilística. **Periódicos UFMG**: Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, [s. l.], p. 1-13, 30 dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.17851/0101-3548.4.7.165-178>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7939>. Acesso em: 17 out. 2023.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. Editora Ática, 1985.

DE BARROS CAMARGO, Maria Lúcia. Caminhos e des-caminhos da subjetividade: a poesia contemporânea escrita por mulheres. **Travessia**, n. 24, p. 34-42, 1992.

TAMURA, S. T. . Entre significantes e significados: figuras de linguagem e retórica, literatura e ensino. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 305–309, 2016. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1510>. Acesso em: 19 out. 2023.